

EFEITO COLATERAL

O QUE É QUE ESSA LAJE TEM

Esqueça o antigo folclore de viver na favela: mais estrangeiros procuram moradia nas comunidades para fugir do alto custo do asfalto. E, com isso, inflacionam a vida local

TEXTO THIAGO JANSEN FOTOS ANA BRANCO



O italiano Diego Baronio (à esquerda) e seu namorado brasileiro, Alex Coutinho, na casa deles no Cantagalo

Pelo sotaque carregado entreouvido no ambiente e pela convivência diária, moradores das principais favelas da Zona Sul do Rio de Janeiro já perceberam: tem gringo na laje e eles não estão só de passagem. Com perfis e origens variadas, estrangeiros que chegam à cidade têm preterido cada vez mais o asfalto em favor das favelas pacificadas na hora de se assentar por aqui. O fenômeno, que se intensificou com a implementação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), surge a partir da recém-conquistada segurança desses locais e, principalmente, do preço mais acessível dos imóveis em relação à parte baixa da cidade. Apesar do sucesso da integração dos novos vizinhos, moradores das comunidades e especialistas acendem o alerta: o movimento está causando uma valorização imobiliária que afeta os que sempre viveram nesses locais.

O italiano Diego Baronio, de 42 anos, é um dos estrangeiros que optaram por uma favela para chamar de lar quando chegou ao Rio, há dois anos e meio. De passagem pela cidade, resolveu ficar ao se encantar pelo estilo de vida carioca e iniciar um relacionamento com o brasileiro Alex Coutinho. Após morar por 15 dias em Copacabana, encontrou um quarto mais acessível na favela do Cantagalo, entre o bairro e Ipanema, e se assentou por lá. Depois, comprou a casa, localizada ao lado da UPP da comunidade, por R\$ 60 mil, reformou o lugar e hoje aluga uma suíte para turistas de passagem, por R\$ 80 a diária.

— Claro que a vida aqui tem muita diferença para a vida na Itália, mas ganhei muito em cultura, pela convivência com as pessoas, pelo estilo de vida. Não tive problemas para me adaptar e fui muito bem recebido pelos demais moradores. A ideia que eu tinha de favela era de um lugar mais barato de se morar e de vida mais feliz. Hoje não tenho do que reclamar — afirma Baronio, que era pedagogo na Itália e hoje cursa turismo no Rio.

Já o tcheco Ondrej Kubala, de 25 anos, chegou à favela da Rocinha com a namorada brasileira para tentar a vida na cidade. Os dois se conheceram em Praga e iniciaram o namoro há dois anos, quando Ondrej trabalhava no mercado financeiro e a namorada era garçoneiro. Cansado da vida em escritório, Ondrej decidiu vir para o Brasil, onde, após um negócio malsucedido em Squarema, mudou-se para a Rocinha, onde a namorada tem família e uma casa humilde. Apesar de estranhar a diferença cultural no início, ele diz já ter se adaptado à vida na favela.

— No início, foi difícil para eu me acostumar com a falta de serviços básicos na comunidade e a sujeira, mas, quando você quer economizar, não pode esperar muito das coisas. Aqui não preciso pagar aluguel, porque a casa é da minha namorada, e lá embaixo as coisas estão muito caras. As pessoas estão alugando um imóvel do tamanho de um armário na Zona Sul por R\$ 2.000. Isso é demais, mesmo



sendo uma região nobre — diz ele, que trabalha em um hotel de luxo na Gávea.



dezembro de 2008 — por causa do aluguel mais acessível, conta que também percebeu a elevação dos preços em Botafogo, bairro onde fica a comunidade.

— Tem havido muita procura na comunidade, o que tem gerado um alto custo dos imóveis. Tem quarto de república que antes custava R\$ 400 por mês e hoje custa R\$ 1.200 compartilhado. A diferença pode não ser sentida pelos estrangeiros, mas tem moradores mais antigos que não estão mais conseguindo ficar aqui por causa desses preços — afirma Natalie.

Formado em Urbanismo pela Universidade de Harvard, o americano Jake Cummings tem estudado o fenômeno da atração dos estrangeiros em favelas cariocas e o impacto no custo de vida na comunidade. Esse fenômeno, Cummings explica, é conhecido entre especialistas como gentrificação.

— Com a pacificação e a chegada de outros serviços às comunidades, cada vez mais tipos de estrangeiros serão atraídos por elas, inclusive alguns somente de olho em investimentos. A tendência é que isso inflacione os preços e eles se tornem impraticáveis para os moradores originais — afirma Cummings, que diz que esses estrangeiros também estão afetando, inclusive, a cultura desses lugares. — Um exemplo disso é que, antes, no Vidigal, o baile funk era considerado o principal ponto da vida noturna da comunidade. Hoje, esse ponto é o Alto Vidigal, que pertence a um australiano e tende a ter uma estética mais internacional.

Presidente da associação de moradores do Cantagalo, Luiz Bezerra do Nascimento reconhece que a procura de estrangeiros por lugares para morar na comunidade tem aumentado bastante desde a pacificação da favela, em dezembro de 2009.

— Quando querem alugar um lugar por aqui, eles costumam vir primeiro à associação de moradores. Mas hoje já está mais difícil encontrar um lugar. Tão logo são anunciados, os imóveis são alugados. Antes da pacificação, passavam por aqui apenas alguns estrangeiros durante a semana. Hoje, tem dia em que passam uns dez procurando vagas — afirma Bezerra.

A valorização dos imóveis à venda em favelas pacificadas também é reconhecida pelo setor imobiliário. De acordo com Lavor Luiz, delegado na Tijuca do Conselho Regional de Corretores de Imóveis do Rio de Janeiro (Creci-RJ), os imóveis nesses locais passaram por uma valorização de cerca de 40% desde a instalação das UPPs:

— Essa valorização está ocorrendo em todo o Rio de Janeiro. Era de se esperar que, com as UPPs e a chegada de serviços básicos às comunidades, a valorização também passasse por elas.

No fim de outubro, o colunista Ancelmo Gois publicou um levantamento realizado pelo renomado jornal americano “The Christian Science Monitor”

indicando que, de abril de 2010 a abril deste ano, o número de estrangeiros residentes no Brasil aumentou em 50%, e a maioria é de europeus atraídos por moradias baratas nas favelas.

A guia de turismo Salete Martins, de 43 anos, moradora há 33 anos da favela Santa Marta, diz que conhece vários estrangeiros.

— Antes, você já tinha uma ou outra pessoa de fora morando na favela, mas eu não conhecia ninguém. Agora, tenho contato com um americano, um casal chileno, um casal de espanhóis — conta ela, que trabalha no estande de informações turísticas na Praça Corumbá, no início da favela.

EU VIVO NO RIO E EU SOU UM GRINGO. E DAÍ?

Moradores de favelas ou não, os estrangeiros que vivem no Rio de Janeiro têm perspectivas próprias sobre o estilo de vida carioca, os hábitos e a cultura da cidade. Pois é com base nessa verdade, e com um bocado de bom humor, que o tumblr “[I live in Rio and I’m a gringo. So what?](#)” reúne, em uma série de imagens animadas (gifs), a realidade carioca sob o ponto de vista do estrangeiro na cidade. Entre outras situações apresentadas, estão “o jeito que você (gringo) se sente quando joga ‘altinha’ na praia entre 9h e 17h” e o que acontece “quando você (gringo) tenta pegar a sua primeira onda no Arpoador”. De autor anônimo, a página tem feito bastante sucesso na internet e é garantia de risadas para cariocas e estrangeiros na Cidade Maravilhosa.

Urbanista e diretora executiva da ONG Comunidade Catalisadora (ComCat), a brasileira Theresa Williamson diz que tem acompanhado de perto o fenômeno do aumento de estrangeiros morando em favelas no Rio:

— Existe uma certa atração pela cultura da favela por parte do estrangeiro, principalmente jovens estudantes, pelo senso de comunidade das pessoas desses locais. Além disso, temos o fato de o Brasil estar aquecido economicamente, enquanto muitos países estão em crise, o que atrai pessoas para o nosso mercado. É importante também a questão dos preços dos imóveis na cidade, que estão elevados e fazem com que os preços nas favelas sejam atrativos.

O argentino Gabriel Yampey, de 54 anos, tem na Santa Marta a sua casa. No Rio desde fevereiro, há dois meses ele aluga um quarto por R\$ 520 na Rua Jupira, no início da favela, em um prédio repleto de pessoas de outros países. Ele faz questão de frisar que sua opção pela Santa Marta não foi pelo fascínio pela vida e pela cultura da favela, mas pela praticidade do local.

— Vim para cá pela conveniência, sem preconceitos e sem aquele encanto, um pouco alienado, que muitos estrangeiros têm pela cultura da favela. Está muito

difícil encontrar imóveis com bons preços na cidade, e aqui achei um lugar a um preço acessível e próximo ao meu trabalho — conta ele, que é massagista e trabalha no Botafogo Praia Shopping.

Os americanos Cole Frankel, de 22 anos, e Josh Quezada, de 23 anos, são moradores do Vidigal e encarnam o perfil dos jovens estudantes morando em favelas no Rio. Cole, que chegou ao Rio em junho para uma pesquisa em Economia e decidiu ficar após começar um namoro com uma brasileira, mora desde agosto na ONG Centro de Formação Profissional Ser Alzira de Aleluia, onde também presta serviço voluntário. Já Josh, formado em Urbanismo, veio para estudar a pacificação nas favelas do Rio e tentar um mestrado, e há três meses aluga um quarto no Vidigal. Nos dois casos, o preço acessível da comunidade pesou para escolha da favela como casa.

A chegada dos estrangeiros às favelas não é exclusividade da Zona Sul do Rio. Do outro lado da cidade, a holandesa Fei An Tjan, de 26 anos, escolheu o Complexo do Alemão para construir um centro cultural com seu namorado colombiano, uma amiga holandesa e um amigo brasileiro morador da comunidade. Juntos, os quatro compraram uma casa perto da estação Itararé do teleférico e estão montando o Centro Cultural Barraco 55, enquanto recebem outros estrangeiros que querem visitar a comunidade.

— No início eu tinha a preocupação de passar a impressão errada para os demais moradores, ser mal interpretada, mas fui muito bem recebida e estou tendo uma experiência ótima. Nossa intenção é fazer coisas que sejam importantes para a comunidade. Como não ficamos na rota turística, os estrangeiros que passam por aqui têm um interesse genuíno pela comunidade — afirma Fei, que é filha de chineses e está há seis meses no Alemão.

Para a urbanista Theresa Williamson, do ComCat, a gentrificação das favelas cariocas é uma questão preocupante e que deve ser acompanhada com atenção.

— O Rio já é uma cidade extremamente desigual e a gentrificação pode exacerbar ainda mais essa diferença, empurrando essas pessoas para a Zona Oeste. Alguns na cidade vão ganhar com isso, mas a maioria, não — afirma Williamson, que vê na capacitação dos moradores desses locais parte da solução para a questão.

— As pessoas dessas comunidades deveriam estar sendo capacitadas para pensar o que elas querem para as suas comunidades, para que elas possam se organizar e discutir medidas com o poder público que lhes garanta um controle do mercado e a manutenção de sua história e cultura — acredita a urbanista. ●